

## Sobre alguns fenômenos do sono

**Maria A A Macedo\***

Universidade Federal de Sergipe/UFS

**Eduardo Antunes\*\***

O texto a seguir traduzido, “De quelques phénomènes du sommeil”, é um capítulo do volume V, intitulado *Rêverie*, das *Oeuvres de Charles Nodier*. Roman, contes et nouvelles<sup>1</sup>. Ele, juntamente com outro capítulo, “Du fantastique en littérature”<sup>2</sup>, são constantemente referenciados tanto pelos estudiosos de Nodier quanto por aqueles da teoria da literatura, seja com o objetivo de auxiliar na compreensão de sua obra ficcional, seja pela sua importância na teoria do conto, ou então pela sua posição na história da literatura francesa, especificamente naquela do Romantismo francês.

A formação nos estudos clássicos desse autor romântico francês assim como sua curiosidade científica diversa resultam em obras como seus estudos de entomologia, de história, de culturas-etnias como aquelas complexas dos Balcãs (seria a etnologia que viria a constituir-se, mais tarde, como disciplina), de filologia da língua francesa e latina e de estudos literários. Quanto às obras mais ficcionais do autor se em parte colabora, para a sua produção, o seu conhecimento da cultura clássica, concorre com esta última a leitura de autores do “romance gótico” pertencente ao romantismo inglês. Este romance é uma narrativa sentimental vivida em um espaço povoado de monstros reais (seres humanos com deformidades) e fictícios onde predomina o medo, a crueldade e o sangue. Influenciado por essa forma romanesca, Nodier se aproximará desta em algumas de suas narrativas e as denominará “gênero frenético” (1821), passando esse termo, a partir daí, a fazer parte integrante do vocabulário dos estudos sobre o Romantismo. Na verdade, o escritor forja-o para distinguir certas de suas narrativas daquelas comuns ao Romantismo em geral. Outra fonte de criação ficcional do autor, nascido na Besançon próxima da Suíça e da Alemanha, é oriunda de suas leituras dos pré-românticos alemães e sua exploração dos sonhos, fonte de criação da literatura. Por fim, é necessário sublinhar a

---

1. *Oeuvres de Charles Nodier*. Roman, contes et nouvelles. *Rêveries*. Paris: Libraire d’Eugène Renduel, 1832. Disponível em: <https://books.google.vu/books?id=3AY6AAAACAAJ&printsec=frontcover#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 10 set. 2022.

2. Tradução de Maria Regina Borges Osório, Maria Lucia Meregalli. Revisão de Patrícia Chittoni Ramos Reuillard. O estranho, o maravilhoso, o fantástico. *Revista Organon*. v. 19, n. 38-39, 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/30058/18643>. Acesso em 10 set. 2022.

\* Profa Dra. da Universidade Federal de Sergipe. Depto. de Letras Estrangeiras. E-mail: marialeguiriec@gmail.com.

Recebido em 01/12/2022

\*\* Pós-doutorado Neurosciences Paris Seine, Université Pierre et Marie Curie, Sorbonne Université, Paris.

Aprovado em 20/12/2022

influência que teve sua estada nos Balcãs, em 1813, como editor de um jornal e como bibliotecário, e que lhe dará a oportunidade e a curiosidade de estudar a cultura local, sobretudo as lendas dos *vukodlacks* (vampiros) e *ujèstizes* (bruxas) do *smarra* (pesadelo) – este último passível de se propagar ao estado de vigília, como assinala o próprio autor do capítulo traduzido “De quelques phénomènes du sommeil”.

Em um dos capítulos do volume V, *Revêrie*, de título “Du fantastique en littérature”, Nodier aponta as primeiras narrativas dos povos ditos primitivos, observa a literatura dos gregos e latinos clássicos erguida sobre a mitologia, percorre a literatura medieval, assinalando na formação dessas narrativas seu elemento comum, ou seja, o fantástico. Para tanto, ele se vale sempre de sua sólida formação clássica – o que por vezes exige um leitor erudito ou curioso o suficiente para buscar a infinidade de referências literárias-mitológicas – para justificar a presença do fantástico, assinalando-o como a fonte de criação poética. Essa procura de um passado dos povos primitivos, e em especial dos clássicos, constitui uma atitude própria de um autor entre dois períodos culturais-literários – classicismo e romantismo. O escritor de “De quelques phénomènes du sommeil” marca sua linhagem e legitimação na autoridade nos Antigos ao mesmo tempo em que se movimenta em direção ao romantismo.

O fantástico, grosso modo, em Nodier, é visto como expressão literária de alguns fenômenos do sono; seria a transposição, representação desses fenômenos para o interior de narrativas. Estes, do ponto de vista científico contemporâneo ao autor, apresentam-se habitualmente sob a forma de um discurso psicologizante que será por ele negado. No capítulo “De quelques phénomènes du sommeil” – objeto da tradução a seguir – o autor francês critica a abordagem dos fenômenos do sonho constituída totalmente pelo discurso médico, insatisfatório para compreender a extensão desses fenômenos. Essa visão psicologizante de fenômenos do sono como o sonho, o pesadelo, o sonambulismo, a soniloquência e sua expansão na vida positiva – o que resultaria na loucura – localiza-se em um discurso científico e em uma filosofia de fundamento mais material que é aquele do século XVIII. Do ponto de vista literário, se há nesse século alguma vertente fantástica nas narrativas, ela se encontra em grupos, como aquela dos *illuminés*, dos esotéricos, dos ocultistas, etc. que existiam em paralelo aos contos filosóficos das Luzes.

Restituindo a abordagem sobre o sonho no século XVIII, para entendê-lo no século que o procede, podemos lembrar que o sonho ocupava um lugar considerável entre os racionalistas. No entanto, ele não é mais o lugar das profecias, dos mistérios, das superstições, dos séculos anteriores, mas sim uma “anormalidade” – em oposição aos estados racionais. O sono, o sonho, acabam por servir como exemplo e contraposição aos estados “normais” da mente. Seria uma “desrazão”, como outros estados “anormais”, porém não mais passíveis de confinamento no século XVIII, como acontece com os libertinos, hereges, homossexuais, etc., tal como estuda Foucault<sup>3</sup>. Esses estados “anormais” deixam de ser uma questão jurídica, exigindo o

---

3. FOUCAULT, Michel. *Historie de la folie à l'âge classique*. Paris: Gallimard, 1971.

isolamento, para ser uma questão médica. Isto é, passam a ser concebidos e recebidos a partir de uma perspectiva médica, mais especificamente da então nascente psiquiatria. Não é mais o sonho-loucura que fala e fala sobre si mesmo, isto é, sujeito e objeto de sua fala; é agora o monólogo racional e impositivo do científico sobre a loucura – esta emudece-se.

A literatura romântica tem a intenção de restabelecer o que foi separado pela ciência: razão e a loucura-sonho. A literatura e a literatura romântica do início do século XIX acabam sendo um reduto, um último espaço de comunicação entre a loucura e a razão sem critérios hierárquicos. A vontade de conhecimento racional, científico sobre o sono, e o sonho aí contido, perduram no Romantismo, em uma continuidade com o imediatamente anterior (século XVIII), mas sem a comparação e a apreciação negativa entre um estado normal, racional, de vigília e sua separação total do estado onírico ou “anormal”.

No capítulo traduzido, Nodier mantém a intenção própria da literatura romântica. Ele reclama da apropriação do discurso científico sobre os fenômenos do sonho e sua expansão na vida positiva. O autor francês lembra que irá se limitar ao estudo de “algumas impressões” de tais fenômenos, sem o método exigido pela ciência. Ele afirma serem elas arreadas ao discurso científico, pois situadas para além do racional; assim, as tratará para além do espectro lógico, lançando mão de narrativas que fogem ao julgamento do verdadeiro-falso. Na realidade, ele faz seu capítulo na fusão da observação, que pode estar dentro do discurso científico, com as narrativas como exemplo dos fenômenos que comenta, tendo como espaço as lendas tidas como verdadeiras por certos povos da região dos Balcãs.

O autor percorre duas direções no capítulo sobre os fenômenos do sono. Uma direção que vai destes fenômenos rumo às impressões que eles podem propagar na vigília, em uma continuidade ou reverberação que fornece imagens hiperbólicas à realidade ou vida positiva. Essas imagens são o fantástico de Nodier. Outra direção será a realidade de povos acostumados ao convívio com elementos próprios de sua cultura que transportam esse imaginário fantástico para o sono, aí acontecendo uma identificação entre o ser imaginário das lendas e o ser que sonha tomado pelo sonambulismo e o soniloquismo – também transformando, como na primeira direção, a vida positiva no fantástico.

Nos dois casos tem-se como resultado o fantástico, sendo este, segundo o autor, estados superiores e não degradados, como vistos no século XVIII, e que servirão como fonte da sua literatura romântica – fantástica, por excelência.

A comparação entre estados de uma vida positiva, pobre, e os estados apontados acima, superiores, será sempre apontada por Nodier, e sempre entremeada às críticas a sua contemporaneidade empobrecida pelo abandono do fantástico.

## DE QUELQUES PHÉNOMÈNES DU SOMMEIL

Je ne suis ni médecin, ni physiologiste, ni philosophe; et tout ce que je sais de ces hautes sciences peut se réduire à quelques impressions communes qui ne valent pas la peine d'être assujetties à une méthode. Je n'attache pas à celles-ci plus d'importance que n'en mérite le sujet; et comme c'est matière de rêves, je ne les donne que pour des rêves. Or si ces rêves tiennent quelque place dans la série logique de nos idées, c'est évidemment la dernière. – Ce qu'il y a d'effrayant pour la sagesse de l'homme, c'est que le jour où les rêves les plus fantasques de l'imagination seront pesés dans une sûre balance avec les solutions les plus avérées de la raison, il n'y aura, si elle ne reste égale, qu'un pouvoir incompréhensible et inconnu qui puisse la faire pencher.

Il peut paroître extraordinaire, mais il est certain que le sommeil est non-seulement l'état le plus puissant, mais encore le plus lucide de la pensée, sinon dans les illusions passagères dont il l'enveloppe, du moins dans les perceptions qui en dérivent, et qu'il fait jaillir à son gré de la trame confuse des songes. Les anciens, qui avoient, je crois, peu de choses à nous envier en philosophie expérimentale, figuroient spirituellement ce mystère sous l'emblème de la porte transparente donne entrée aux songes du matin, et la sagesse unanime des peuples l'a exprimé d'une manière plus vive encore dans ces locutions significatives de toutes les langues: *J'y rêverai, j'y songerai, il faut que je dorme là-dessus, la nuit porte conseil*. Il semble que l'esprit, offusqué des ténèbres de la vie extérieure, ne s'en affranchit jamais avec plus de facilité que sous le doux empire de cette mort intermittente, où il lui est permis de reposer dans sa propre essence, et à l'abri de toutes les influences de la personnalité de convention que la société nous a faite. La première perception qui se fait jour à travers le vague inexplicable du rêve, est limpide comme le premier rayon du soleil qui dissipe un nuage, et l'intelligence, un moment suspendue entre les deux états qui partagent notre vie, s'illumine rapidement comme l'éclair qui court, éblouissant, des tempêtes du ciel aux tempêtes de la terre. C'est là que jaillit la conception immortelle de l'artiste et du poète; c'est là qu'Hésiode s'éveille, les lèvres parfumées du miel des muses; Homère, les yeux dessillés par les nymphes du Mélès; et Milton, le cœur ravi par le dernier regard d'une beauté qu'il n'a jamais retrouvée. Hélas! où retrouveroit on les amours et les beautés du sommeil ! Otez au génie les visions du monde merveilleux, et vous lui ôterez ses ailes. La carte de l'univers imaginable n'est tracée que dans les songes. L'univers sensible est infiniment petit.

Le cauchemar, que les Dalmates appellent *Smarra*, est un des phénomènes les plus communs du sommeil, et il y a peu de personnes qui ne l'aient éprouvé. Il devient habituel en raison de l'inoccupation de la vie positive et de l'intensité de la vie imaginative, particulièrement chez les enfants, chez les jeunes gens passionnés, parmi les peuplades oisives qui se contentent de peu, et dans les états inertes et stationnaires qui ne demandent qu'une attention vague et rêveuse, comme celui du berger. C'est, selon moi, de cette disposition

## SOBRE ALGUNS FENÔMENOS DO SONO

Não sou médico, nem fisiologista, nem filósofo; e tudo o que sei dessas nobres ciências pode se reduzir a algumas impressões comuns que não valem a pena ser submetidas a um método. Não lhes atribuo maior importância do que merece o assunto; e como elas referem-se aos sonhos, concebo-as tão somente como sonhos. Ora, se esses sonhos ocupam algum lugar na série lógica de nossas ideias, obviamente eles estão no último. O que há de assustador para a sabedoria do homem situa-se no dia em que, em uma balança confiável, forem pesados os sonhos mais fantasiosos da imaginação ao lado das soluções mais verificáveis da razão. Se a balança não permanecer equilibrada, restará apenas um poder desconhecido e inexplicável para fazê-la pender.

Pode parecer extraordinário, mas o sono é sem dúvida não apenas o mais poderoso, mas também o estado mais lúcido do pensamento, se não o é nas ilusões passageiras que ele envolve esse pensamento, pelo menos é o mais lúcido nas percepções que dele derivam e que ele manifesta, ao seu bel prazer, a partir da confusa teia dos sonhos. Penso que os antigos, que poucas coisas tinham para nos invejar em filosofia experimental, figurariam mentalmente esse mistério sob o emblema da porta transparente que dá entrada aos sonhos da manhã; a sabedoria unânime dos povos exprimiu esse mistério sob uma forma ainda mais viva em suas expressões significativas de todas as línguas: *eu imaginarei isso, pensarei nisso, preciso dormir pensando nisso, a noite é a melhor amiga*.<sup>4</sup> Parece que a mente, ofuscada pelas trevas da vida exterior, liberta-se mais facilmente quando sob o doce império dessa morte intermitente, onde lhe é permitida repousar em sua própria essência e ao abrigo de todas as influências da personalidade convencional que a sociedade forjou para nós. A primeira percepção que surge, através do estado confuso e inexplicável do sonho, é límpida como o primeiro raio de sol que dissipa uma nuvem, e a inteligência, um momento suspensa entre os dois estados que dividem nossa vida, ilumina-se subitamente como o relâmpago que corre ofuscante das tempestades do céu para as tempestades da terra. Nesse momento irrompe a concepção imortal do artista e do poeta; nesse momento Hesíodo desperta com os lábios perfumados pelo mel das musas, Homero, com os olhos abertos pelas ninfas de Meles, e Milton desperta com o coração encantado pela última visão de uma beleza que nunca mais encontrou. Que pena, é nesse momento que encontraríamos os amores e as belezas do sono! Tire do gênio as visões do mundo maravilhoso e você arrancará suas asas. O mapa do universo imaginável é desenhado apenas nos sonhos. O universo sensível é infinitamente pequeno.

O pesadelo, que os povos da Dalmácia chamam de *Smarra*<sup>5</sup>, é um dos fenômenos mais comuns do sono, e poucas pessoas não o experimentaram. Ele torna-se habitual pela falta de ocupação na vida positiva e pela intensidade da vida imaginativa acontecida especialmente nas crianças, nos jovens apaixonados, entre os povos ociosos que se contentam com pouco, e nos

---

4. Original : « J'y rêverai, j'y songerai, il faut que je dorme là – dessus la nuit porte conseil ». Em francês, os verbos dessas locuções fazem parte do léxico onírico, e com empregos mais precisos para se evocar o racional, em uma certa comunicação (porta) entre onírico e o estado desperto.

5. Segundo o próprio Nodier, em *Smarra ou le démons de la nuit*, os antigos fazem referência a esse nome primitivo do mal espírito para explicar o fenômeno do pesadelo (Paris: Ponthieu Libraire, 1822).

physiologique, placée dans les conditions qui la développent, qu'est sorti le merveilleux de tous les pays.

On s'imagine mal à propos que le cauchemar ne s'exerce que sur des fantaisies lugubres et repoussantes. Dans une imagination riche et animée que nourrissent la libre circulation d'un sang pur et la vitalité robuste d'une belle organisation, il a des visions qui accablent la pensée de l'homme endormi par leurs enchantements, comme les autres par leurs épouvantes. Il sème des soleils dans le ciel; il bâtit pour en approcher des villes plus hautes que la Jérusalem céleste; il dresse pour y atteindre des avenues resplendissantes aux degrés de feu, et il peuple leurs bords d'anges à la harpe divine, dont les inexprimables harmonies ne peuvent se comparer à rien de ce qui a été entendu sur la terre. Il prête au vieillard le vol de l'oiseau pour traverser les mers et les montagnes; et auprès de ces montagnes, les Alpes du monde connu disparaissent comme des grains de sable; et dans ces mers, nos océans se noient comme des gouttes d'eau. – Voilà tout le mythisme d'une religion, révélé depuis l'échelle de Jacob jusqu'au char d'Élie, et jusqu'aux miracles futurs de l'Apocalypse.

Pour opposer à ceci une théorie plus vraie semblable, il faudrait d'abord établir que la perception, éteinte par le réveil, ne peut ni se prolonger ni se propager dans la pâle et froide atmosphère du monde réel. C'est la véritable place de la question.

Eh bien! cela seroit démontré dans l'état de rationalisme étroit et positif auquel le long désenchantement de la vie sociale nous a réduits, que cet argument ne vaudroit rien contre l'impression toute naïve des premières sociétés, qui ont toujours regardé le sommeil comme une modification privilégiée de la vie intelligente; et d'où procède le merveilleux, je vous prie, si ce n'est de la créance des premières sociétés?

La Bible, qui est le seul livre qu'on soit tenu de croire vrai, n'appuie ses plus précieuses traditions que sur les révélations du sommeil. Adam lui-même dormoit *d'un sommeil envoyé de Dieu*, quand Dieu lui donna une femme.

Numa, Socrate et Brutus, qui sont les plus hauts types des vertus antiques, ces deux-ci surtout qui n'ont jamais eu besoin de tromper les peuples, parce qu'ils n'étoient ni législateurs ni rois, ont rapporté toute leur sagesse instinctive aux inspirations du sommeil. Marc-Aurèle, qui date d'hier dans l'histoire philosophique de la société, Marc-Aurèle témoigne qu'il a dû trois fois à ses songes le salut de sa vie, et le salut de Marc-Aurèle étoit celui du genre humain.

Si la perception du sommeil s'est prolongée à ce point dans les intelligences les plus puissantes d'un âge intermédiaire, quelle immense sympathie ne dut-elle pas émouvoir au berceau du monde, sous la tente du patriarche révérend, qui racontoit, en se levant de sa natte, les merveilles de la création et les grandes oeuvres de Dieu, comme elles lui avoient été montrées dans le mystère du sommeil?

Aujourd'hui même, la perception du sommeil vibre encore assez longtemps dans les facultés de l'homme éveillé pour que nous puissions comprendre sans effort comment elle a dû se prolonger autrefois dans l'homme primitif, qui n'étoit pas éclairé du flambeau des sciences,

estados inertes e fixos, que solicitam apenas uma atenção vaga e sonhadora, como aquele do pastor. Na minha opinião, foi a partir dessa disposição fisiológica, colocada sob condições que a desenvolvem, que surgiu o maravilhoso de todos os países.

É difícil imaginar que o pesadelo age apenas nas fantasias lúgubres e repulsivas. Em uma imaginação rica e animada – que alimentam livre circulação de um sangue puro e a vitalidade robusta de uma bela organização – o pesadelo possui visões que dominam o pensamento do homem adormecido por seus encantos, como outros homens por seus terrores. Ele semeia sóis no céu; ele ergue, para aproximar-se do céu, cidades mais altas do que a Jerusalém celestial; a fim de alcançá-lo, ele desenha avenidas resplandecentes com degraus de fogo, e povoa suas laterais de anjos com harpa divina cujas harmonias indescritíveis não podem ser comparadas a nada que se tenha ouvido na terra. Ele oferece ao velho o voo do pássaro para cruzar os mares e as montanhas; e perto dessas montanhas, os Alpes do mundo conhecido desaparecem como grãos de areia; e nesses mares, nossos oceanos afogam-se como gotas de água. – Eis todo o mitismo de uma religião, revelado desde a escada de Jacó, à biga de Elias, até os milagres futuros do Apocalipse.

Uma teoria mais verossímil seria necessária para opor-se a tudo isso, precisando ela primeiramente estabelecer que a percepção, esvanecida ao despertar, não pode nem se prolongar nem se propagar na pálida e fria atmosfera do mundo real. Aqui coloca-se a verdadeira questão.

Bem, isso seria demonstrado no estado de racionalismo estreito e positivo ao qual o longo desencanto da vida social nos reduziu; argumento esse que nada valeria contra a impressão primitiva das primeiras sociedades, que sempre consideraram o sono como uma modificação privilegiada da vida inteligente; e de onde vem o maravilhoso, pergunto aos senhores, senão da confiança das primeiras sociedades?

A Bíblia, que é o único livro que somos obrigados a conceber verdadeiro, não apoia suas preciosas tradições senão nas revelações do sono. O próprio Adão dormiu profundamente *com o sono enviado por Deus*, enquanto este lhe dava uma mulher.

Numa, Sócrates e Brutus, que são os modelos mais elevados das virtudes antigas – sobretudo os dois últimos, que jamais tiveram necessidade de enganar o povo, porque não eram legisladores nem reis – introduziram sua sabedoria instintiva das inspirações do sono. Marco Aurélio, que data do passado na história filosófica da sociedade, Marco-Aurélio testemunha a salvação de sua vida devendo-se por três vezes aos seus sonhos, e a salvação de Marco Aurélio era aquela do gênero humano.

Se a percepção do sono se prolongou a tal ponto nas inteligências mais poderosas de uma idade intermediária, que imensa simpatia não deveria ter ela excitado na infância do mundo, sob a tenda do patriarca reverenciado que, levantando-se de seu tapete, contava as maravilhas da criação e as grandes obras de Deus, como lhe foram mostradas no mistério do sono?

Ainda hoje a percepção do sono continua vibrando nas faculdades do homem desperto tempo suficiente para que possamos compreender facilmente como ela deve ter se prolongado outrora no homem primitivo – que não era esclarecido com a luz das ciências, vivendo quase



et qui vivoit presque entière ment par son imagination. Il n'y a pas longtemps qu'un des philosophes les plus ingénieux et les plus profonds de notre époque me racontoit, à ce sujet, qu'ayant rêvé plusieurs nuits de suite, dans sa jeunesse, qu'il avoit acquis la merveilleuse propriété de se soutenir et de se mouvoir dans l'air, il ne put jamais se désabuser de cette impression sans en faire l'essai au passage d'un ruisseau ou d'un fossé. A la place du savant qui a studieusement approfondi les secrets de l'intelligence, et qui subit toutefois cette préoccupation avec tant d'abandon, placez le pasteur des solitudes qui ne juge de la réalité des choses que par des sensations également frappantes dont il n'a jamais fait le départ, et qui a cependant remarqué en lui deux existences diverses, dont l'une s'écoule en faits matériels, sans poésie et sans grandeur dont l'autre est emportée hors du monde positif dans des extases sublimes. Il en conclura nécessairement qu'il contient deux êtres infiniment disproportionnés l'un à l'autre, dont les attributions sont séparées par le réveil. Il s'élança de cette seule idée à la théorie de l'âme; il pénétrera, sur la foi de ce guide que le sommeil lui donne, dans les régions les plus reculées du monde spirituel; et, s'il a de l'enthousiasme et du génie, vous aurez un prophète, et peut-être un dieu.

Comme il n'y a rien de plus difficile et de plus périlleux à dire que ce qui n'a jamais été dit, je n'affirme pas, sans trembler, ce que je crois fermement: c'est que toutes les religions, à l'exception de celle dont la vérité ne peut pas être mise en doute, nous ont été enseignées par le sommeil.

Les narrateurs des choses insolites et mer veilleuses ont conservé à la postérité le nom de certains hommes qui n'avoient jamais rêvé. N'est-il pas remarquable que ces hommes fussent des athées, et que cette liste qui finit à Lalande commence à Protégoras?

Nous redescendrons de ce principe des applications qui ne sont pas moins nouvelles; mais ici, tous les éléments de la discussion deviendront assez sensibles pour la faire sortir de la catégorie des propositions vraies ou vraisemblables, qui n'ont pas eu le bonheur d'obtenir l'approbation de l'école, ou le sauf conduit des académies. C'est ce que l'on appelle en France des paradoxes.

Le somnambulisme naturel, la somniloquie spontanée, sont des phénomènes du sommeil, aussi incontestés que le cauchemar. Personne n'a jamais douté qu'il y eût des hommes qui pouvoient parler leur pensée en dormant, qui pouvoient en dormant l'exécuter, et qui en venoient à bout, grâce à l'état de puissance où le sommeil fait parvenir quelquefois les organisations les plus communes, par des moyens qui auroient échappé à la méditation du philosophe, et avec une facilité qui auroit déjoué la subtilité des adroits ou effrayé l'audace des téméraires. La mémoire des hommes et leurs livres sont pleins de semblables histoires.

Je ne crois pas qu'on puisse avancer qu'aucun de ces phénomènes, le somnambulisme, la somniloquie, le cauchemar, exclut les autres; et comme ils sont, au contraire, essentiellement congénères, il n'y aura rien de surprenant à les trouver réunis dans le même individu. Cette accumulation de facultés excentriques se sera rencontrée plus souvent dans les circonstances que j'ai supposées, c'est-à-dire dans un état de la société où l'homme ne touche aux formes générales de la civilisation que par un très-petit nombre de points, et où l'âme, qu'un commencement d'éducation lui a révélée, n'a de développement qu'en elle, et d'exercice que sur elle-même.



inteiramente de sua imaginação. Não muito tempo atrás, um dos filósofos mais inteligentes e profundos de nossa época disse-me que, quando jovem, tendo sonhado várias noites seguidas que havia adquirido o maravilhoso poder de manter-se e mover-se no ar, nunca mais pode desvencilhar-se dessa impressão, voltando a experimentá-la ao atravessar um córrego ou uma vala. No lugar desse erudito que cuidadosamente aprofundava os segredos da inteligência e que, no entanto, suportava essa inquietação com tanto abandono, coloque o pastor das solidões que apenas julga a realidade das coisas tendo como meio as sensações igualmente impressionantes que jamais procurou distinguir uma das outras. No entanto, o pastor observou em si mesmo duas existências distintas, sendo uma acontecida nos fatos materiais, sem poesia e sem grandeza; a outra conduzida para fora do mundo positivo, nos êxtases sublimes. Ele necessariamente irá concluir ser possuidor de dois seres infinitamente desproporcionais um do outro, cujas atribuições são separadas pelo despertar. Ele se lançará, a partir dessa ideia única, para a teoria da alma; ele penetrará, na fé deste guia que o sono lhe oferece, nas regiões mais remotas do mundo espiritual; e, se ele tiver entusiasmo e gênio, você terá um profeta, e talvez um deus.

Como não há nada mais difícil e mais perigoso de dizer do que aquilo que nunca foi dito, não afirmo, sem tremer, o que acredito firmemente: todas as religiões, exceto aquela cuja verdade não pode ser posta em dúvida, ensinaram-nos por meio do sono.

Os narradores de coisas insólitas e maravilhosas conservaram para a posteridade o nome de certos homens que nunca sonharam. Não é admirável que esses homens fossem ateus e que esta lista finda em Lalande e comece em Protágoras?

Deduziremos, desse princípio, as aplicações que não são menos novas; mas aqui, todos os elementos da discussão se tornarão sensíveis o suficiente para tirá-la da categoria de proposições verdadeiras ou verossímeis que não tiveram a felicidade de obter a aprovação da escola, ou o salvo-conduto das academias. É o que se chama na França de paradoxos.

O sonambulismo natural, o soniloquismo espontâneo são fenômenos do sono tão incontestáveis quanto o pesadelo. Ninguém jamais duvidou da existência de homens que pudessem, ao dormir, falar o seu pensamento, que pudessem, dormindo, executá-lo, e que chegassem a concluí-lo – graças ao estado de poder em que por vezes o sono traz as organizações mais comuns – por meios que teriam escapado à meditação do filósofo, e com uma facilidade que teria vencido a sutileza dos hábeis ou assustado a audácia dos imprudentes. A memória dos homens e seus livros está repleta dessas histórias.

Não creio que se possa avançar ao afirmar que algum desses fenômenos – sonambulismo, soniloquismo, pesadelo – exclua os demais; e como eles são, ao contrário, essencialmente congêneres, não será surpreendente encontrá-los unidos no mesmo indivíduo. Esse acúmulo de faculdades excêntricas será encontrado mais frequentemente nas circunstâncias que supus, ou seja, em um estado da sociedade em que o homem toca tão somente as formas gerais da civilização em número diminuto de pontos. A alma, aí, que um início de educação é revelada, tem desenvolvimento apenas em si mesma e age apenas sobre si mesma.

Le célibataire isolé du monde entier, dont toute la pensée monte, descend, et remonte sans cesse, du troupeau de ses brebis au trou peau innombrable de ses étoiles,

La vieille femme inutile et repoussée, qui ne soutient sa pauvre vie qu'à recueillir dans les bois des racines insipides pour se nourrir, et des branches sèches pour se préserver du froid de l'hiver,

La jeune fille amoureuse et souffrante, qui n'a pas trouvé une âme d'homme pour comprendre une âme de jeune fille...

Vous verrez que ceux- là sont plus sujets que les autres à ces aberrations contemplatives que le sommeil élabore, transforme en réalités hyperboliques, et au milieu desquelles il jette son patient comme un acteur à mille faces et à mille voix, pour se jouer à lui seul, et sans le savoir, un drame extraordinaire qui laisse bien loin derrière lui tous les caprices de l'imagination et du génie!

Le voilà, cet être ignorant, crédule, impressionable, pensif, le voilà qui marche et qui agit, parce qu'il est somnambule qui parle, qui gémit, et qui pleure, et qui crie, parce qu'il est somnolent; et qui voit des choses inconnues du reste de ses semblables, marchants et parlants, parce qu'il a le cauchemar. Le voilà qui se réveille aux fraîcheurs d'une rosée pénétrante, aux premiers rayons du soleil qui perce le brouillard, à deux lieues de l'endroit où il s'est couché pour dormir; c'est, si vous voulez, dans une clairière de bois que pressent entre leurs rameaux trois grands arbres souvent frappés de la foudre, et qui balancent encore les ossements sonores de quelques malfaiteurs. – Au moment où il ouvre les yeux, la perception qui s'enfuit laisse retentir à son oreille quelques rires épouvantables; un sillon de flamme ou de fumée qui ne s'efface que peu à peu, marque à sa vue effrayée la trace du char du démon; l'herbe foulée en rond autour de lui conserve l'empreinte de ses danses nocturnes. Où voulez-vous qu'il ait passé cette nuit de terreur, si ce n'est au sabbat ? On le surprend, la figure renversée, les dents claquetantes, les membres transis de froid et moulus de courbature; on le traîne devant le juge, on l'interroge: il vient du sabbat; il y a vu ses voisins, ses parents, ses amis s'il en a; le diable y assistait en personne, sous la forme d'un bouc, mais d'un bouc géant aux yeux de feu, dont les cornes rayonnent d'éclairs, et qui parle une langue humaine, parce que c'est ainsi que sont faits les animaux du cauchemar. Le tribunal prononce la flamme consume l'infortuné qui a confessé son crime sans le comprendre, et on jette ses cendres au vent. Vous avez vu les phénomènes du sommeil vous ouvrir le ciel; maintenant ils vous ouvrent l'enfer. Si vous convenez que l'histoire de la sorcellerie est là-dedans, vous n'êtes pas loin de penser avec moi que celle des religions y est aussi.

Quel homme accoutumé aux hideuses vis des cauchemars ne comprendra pas, du premier aspect, que toutes les idoles de la Chine et de l'Inde ont été rêvées?

Souvent le pasteur, préoccupé de la crainte des loups, rêvera qu'il devient loup à son tour, et le sommeil lui appropriera ces instincts sanglants si funestes à ses troupeaux. Il a faim de chairs palpitantes, il a soif de sang, il se traîne à quatre pattes autour de l'étable, en poussant

O celibatário isolado do mundo inteiro, cujo pensamento sobe, desce, e volta a subir sem cessar do rebanho de suas ovelhas ao rebanho inumerável de suas estrelas,

A velha inútil e rejeitada, que sustenta sua pobre vida apenas colhendo nos bosques raízes sem gosto para se alimentar e galhos secos para se proteger do frio do inverno,

A jovem apaixonada e sofredora, que não encontrou uma alma de homem para entender uma alma de moça...,

Vocês verão que esses são mais sujeitos que outros a essas aberrações contemplativas que o sono elabora e transforma em realidades hiperbólicas e, no meio das quais, ele lança seu paciente como um ator de mil faces e mil vozes, para representar sozinho, e sem saber, um drama extraordinário que deixa aquém todos os caprichos da imaginação e do gênio!

Ei-lo esse ser ignorante, crédulo, impressionável, pensativo; ei-lo que anda e que age, porque é sonâmbulo; que fala, que geme, que chora e que grita, porque fala dormindo; e que vê coisas desconhecidas do resto de seus semelhantes que anda e que fala, porque ele tem pesadelo. Ei-lo que acorda com a frescura de um orvalho penetrante, com os primeiros raios do sol que atravessam a neblina, a duas léguas do lugar onde se deitou para dormir; ele encontra-se, se quiserem, em uma clareira de floresta abraçada pelos galhos de três grandes árvores frequentemente atingidas por raios, e que ainda balançam os esqueletos sonoros de alguns malfeitores. Assim que abre os olhos, a percepção que foge faz ressoar em seu ouvido alguns risos terríveis; um traço de fumaça que se apaga somente pouco a pouco marca em sua visão aterrorizada o rastro da carruagem do demônio; a grama pisada em círculos ao seu redor guarda a marca de suas danças noturnas. Onde você acha que ele passou essa noite de terror, se não em festas demoníacas? Nós o surpreendemos, com seu rosto virado, com seus dentes batendo, seus membros dormentes de frio e moído de dores; arrastam-no perante o juiz, interrogam-no: ele vem da festa demoníaca; ele viu lá seus vizinhos, seus parentes, seus amigos, se tiver algum; o diabo assistia a tudo pessoalmente, mas na forma de um bode, mas de um bode gigante com olhos de fogo, cujos chifres lançam raios, e que fala uma linguagem humana, pois no pesadelo são assim que os animais são concebidos. O tribunal declara; a chama consome o infeliz que confessou seu crime sem compreendê-lo e suas cinzas são lançadas ao vento. Vocês viram os fenômenos do sono abrirem o céu para vocês; agora eles abrem para vocês o inferno. Se concordam que nele encontra-se a história da feitiçaria, vocês não estão longe de pensar, como eu, que nele também está contida a história das religiões.

Que homem acostumado às horrendas visitas do pesadelo não compreenderá, à primeira vista, que todos os ídolos da China e da Índia foram sonhados?

Tomado pelo medo dos lobos, frequentemente o pastor irá sonhar que ele próprio se transforma em um deles, e o sono acabará por atribuir-lhe tais instintos sangrentos tão fatais para seus rebanhos. Nesse estado de sono, o pastor tem fome de carne palpitante, tem sede de sangue, arrasta-se de quatro pelo estábulo, soltando aquele tipo de uivo selvagem que é

cette espèce de hurlement sauvage qui est propre au cauchemar, et qui rappelle si horriblement celui des hyènes affamées. Et si quelque funeste hasard lui fait rencontrer un pauvre animal égaré, trop jeune encore pour s'enfuir, vous le trouverez peut-être les mains liées dans sa toison, et menaçant déjà d'une dent innocente le plus cher de ses agneaux. – Ne dites pas que le loup garou n'existe pas... La lycanthropie est un des phénomènes du sommeil; et cette horrible perception, plus sujette à se prolonger que le grand nombre des illusions ordinaires du cauchemar, a passé dans la vie positive sous le nom d'une maladie connue de vos médecins. Je ne sais toutefois s'ils en ont reconnu l'origine, car je n'ai jamais lu un livre de médecine moderne; mais je regretterois que cela ne fût point, parce qu'il me semble que cette théorie, approfondie par un philosophe, ne seroit pas inutile au traitement et à la curation de la plupart des monomanies, qui ne sont probablement que la perception prolongée d'une sensation acquise dans cette vie fantastique dont se compose la moitié de la nôtre, la vie de l'homme endormi.

Que si, par hasard, le monomane rentroit, en s'endormant, dans les réalités de sa vie matérielle, comme je ne suis pas éloigné de le croire, car toutes nos fonctions tendent perpétuellement à s'équilibrer, il seroit, relativement à l'exercice de sa pensée, aussi raisonnable que le médecin qui le soigne, si celui-ci rêve toutes les nuits. Ce qui me confirmeroit dans cette idée, c'est que je n'ai jamais vu de monomane éveillé subitement dont la première impression ne fût parfaitement lucide. Sa perception s'obscurcit en s'étendant, com me la nôtre s'éclaircit. – Qui sondera jamais, grand Dieu! ces mystères impénétrables de l'âme, dont la profondeur donne le vertige à la raison la plus assurée?

Il y a vingt-quatre ans que je voyageois en Bavière avec un jeune peintre italien dont j'avois fait la rencontre à Munich. Sa société convenoit à mon caractère et à mon imagination de ce temps-là, parce qu'il se trouvoit une douloureuse conformité entre, nos sentiments et nos infortunes. Il avoit perdu quelque temps auparavant une femme qu'il aimoit, et les circonstances de cet événement qu'il m'a souvent racontées, étoient de nature à lui laisser une impression ineffaçable. Cette jeune fille qui s'étoit obstinée à le suivre dans les misères d'une cruelle proscription, et à lui déguiser l'altération de ses forces, finit par céder, dans une des haltes de leurs nuits vagabondes, à l'excès d'une fatigue parvenue à ce point où elle n'aspire qu'au repos de la mort. Le pain leur manquoit depuis deux jours, quand ils découvrirent un trou de roche où se cacher. Elle se jeta sur son cœur quand ils furent assis, et il sembla qu'elle lui disoit: «Mange-moi si tu as faim.» – Mais il avoit perdu connoissance; et quand il lui revint assez de forces pour la presser dans ses bras, il trouva qu'elle étoit morte. Alors il se leva, la chargea sur ses épaules, et la porta jusqu'au cimetière du premier village, où il lui creusa une fosse qu'il couvrit de terre et d'herbes, et sur laquelle il planta une croix: composée de son bâton, qu'il avoit traversé de son épée. Après cela, il ne fut pas difficile à prendre, car il ne bougeoit plus. Quel qu'un de ces événements si communs alors lui rendit la liberté: le bonheur, c'étoit fini.

Mon compagnon de voyage, qui ne conservoit à vingt-deux ans que les linéaments d'une belle et noble figure, étoit d'une extrême maigreur, peut-être parce qu'il mangeoit à

próprio do pesadelo e que lembra tão horrivelmente o das hienas famintas. E se algum acaso fatal faça o pastor deparar-se com um pobre animal perdido, ainda jovem demais para fugir, talvez você o encontre com as mãos amarradas em seu pelo e já ameaçando com um dente inocente o mais querido de seus cordeiros. – “Não diga que o lobisomem não existe”. A lican-tropia é um dos fenômenos do sono; e essa horrível percepção – mais sujeita a ser prolongada do que o grande número das ilusões comuns do pesadelo – passou para a vida positiva sob o nome de uma doença conhecida por seus médicos. Não sei, porém, se eles reconheceram a origem, pois nunca li um livro de medicina moderna; mas lamento não ter lido, porque me parece que essa teoria, aprofundada por um filósofo, não seria inútil no tratamento e cura da maioria das monomanias, que provavelmente são apenas a percepção prolongada de uma sensação adquirida nessa vida fantástica, a vida do homem adormecido, da qual se compõe metade da nossa.

Se, por acaso, o monomaniaco retornasse, adormecido, nas realidades de sua vida material – como não estou longe de acreditar, pois todas nossas funções tendem perpetuamente a equilibrar-se – ele estaria, no exercício do seu pensamento, tão *razoável* quanto o médico que trata dele, caso sonhe todas as noites. O que me confirmaria nesta ideia é o fato que jamais vi um monomaniaco que, ao acordar subitamente, não tivesse uma primeira impressão perfeitamente lúcida. Sua percepção obscurece-se à medida que ela se expande, assim como a nossa clareia. Quem vai sondar, grande Deus, esses impenetráveis mistérios da alma, cuja profundidade causa vertigem à razão mais firme?

Vinte e quatro anos atrás, viajei a Baviera com um jovem pintor italiano que conheci em Munique. Sua companhia convinha ao meu caráter e a minha imaginação daquela época, porque havia uma dolorosa conformidade entre nossos sentimentos e nossos infortúnios. Ele havia perdido tempos atrás uma mulher a quem amava, e as circunstâncias desse acontecimento, que ele frequentemente me contava, eram de natureza a deixar nele uma impressão indelével. Essa jovem que se obstinara a segui-lo nas misérias de uma cruel proscricção, e em esconder dele a deterioração de suas forças, acabou cedendo, em uma das pausas de suas noites errantes, ao excesso de um cansaço que chega ao ponto de se desejar apenas o repouso da morte. Eles estavam sem pão havia dois dias quando descobriram um buraco na rocha para se esconder. Ela jogou-se em seu peito quando se sentaram, parecendo dizer-lhe: “Coma-me se estiver com fome”. Mas ele havia perdido a consciência; e quando voltou a ter força suficiente para apertá-la em seus braços, descobriu que ela estava morta. Então ele se levantou, carregou-a nos ombros e levou-a ao cemitério da primeira cidadezinha, onde cavou para ela uma cova, que ele cobriu com terra e grama, e sobre a qual colocou uma cruz feita com sua bengala e sua espada. Depois disso, não foi difícil captura-lo, porque não se movimentava mais. Alguém implicado nesses acontecimentos, tão comuns nessa época, devolveu-lhe a liberdade: a felicidade acabou.

Meu companheiro de viagem, que aos vinte e dois anos conservava somente os contornos de um rosto belo e nobre, era extremamente magro, talvez porque ele comia tão somente

peine pour se soutenir. Il étoit pâle, et, sous son épiderme un peu basané, la pâleur de l'italien est livide. L'activité de sa vie morale sembloit s'être réfugiée tout entière dans deux yeux d'un bleu transparent et bizarre, qui scintilloient avec une puissance inexprimable entre deux paupières rouges, dont les larmes avoient, selon toute apparence, dévoré les cils, car ses sourcils étoient d'ailleurs très beaux.

Comme nous nous étions avoué l'un à l'autre que nous étions sujets au cauchemar; nous avons pris l'habitude de coucher dans deux chambres voisines pour pouvoir nous éveiller réciproquement, au bruit d'un de ces cris lamentables qui tiennent plus qu'un lit comme je le disois tout à l'heure, de la bête fauve que de l'homme. Seulement il avoit toujours exigé que je fermasse la porte de mon côté; et j'attribuois cette précaution à l'habitude inquiète et soupçonneuse d'un malheureux qui a été longtemps menacé dans sa liberté, et qui jouit depuis peu du bonheur de se remettre à la garde d'un ami. Un soir, nous n'eûmes qu'une chambre et pour deux. L'hôtellerie étoit pleine. Il reçut cette nouvelle d'un front plus soucieux que de coutume; et quand nous fûmes dans le galetas qui nous étoit assigné, il divisa les matelas de manière à en faire deux lits délicatesse dont je me serois peut-être avisé, et qui ne me choqua point. Ensuite il s'élança sur le sien, et, me jetant un paquet de cordes dont il s'étoit muni: Viens me lier les pieds et les mains, me dit-il avec l'expression d'un désespoir amer, ou brûle-moi la cervelle.

Je raconte, je ne fais pas un épisode de roman fantastique; je ne rapporterai pas ma réponse et les détails d'un entretien de cette nature: on les devinera.

– L'infortunée qui m'a dit de la manger pour soutenir ma vie, s'écria-t-il, en se renversant avec horreur et en couvrant ses yeux de ses mains..., il n'y a pas une nuit que je ne la déterre et que je ne la dévore dans mes songes...; pas une nuit où les accès de mon exécrable somnambulisme ne me fassent chercher l'endroit où je l'ai laissée, quand le démon qui me tourmente ne me livre pas son cadavre! juge maintenant si tu peux coucher près de moi, près d'un vampire!...

Il seroit plus cruel encore pour moi que pour le lecteur d'arrêter son attention sur ce récit. Ce que je puis faire, c'est d'attester sur l'honneur que tout ce qu'il a d'essentiel est exactement vrai; qu'il n'y a pas même ici cette broderie du prosateur, qui accroît les dimensions de l'idée en la couvrant de paroles, et que, si j'y ai modifié quelque chose, ce n'est pas ce qui contrarie une vaine hypothèse, abandonnée comme elle le mérite, aux amateurs d'hypothèses; mais ce qui en aggraveoit l'affreuse réalité par des détails que la plume ne peut écrire.

Cinq ans plus tard, j'abordois aux frontières des Morlaques, avec un ardent désir de connoître ce peuple si curieux et si spécial, que ma destinée, toujours opposée, ne m'a pas permis de voir comme je l'aurois voulu. Je n'avois jamais raconté mon anecdote parce que je la regardois comme une anomalie effrayante, et peut-être unique, dans la bizarre histoire de l'intelligence humaine. Quand j'eus passé les frontières de la Croatie, je m'étonnai d'apprendre que cette prétendue anomalie étoit, sur toute la face d'une grande province, une maladie endémique.

para se sustentar. Ele era pálido e, sob sua pele um pouco morena, a palidez do italiano era lívida. A atividade de sua vida moral parecia ter se refugiado inteiramente em dois olhos de um azul transparente e estranho que, com uma força inexplicável, brilhavam entre duas pálpebras vermelhas cujas lágrimas aparentemente pareciam ter apagado seus cílios, já que sobrancelhas se mantinham bem feitas.

Como tínhamos confessado um ao outro que estávamos sujeitos a pesadelos, adquirimos o hábito de deitar em dois quartos contíguos a fim de acordarmos um ao outro, quando do som de um desses gritos lamentáveis que, como eu dizia antes, caracterizam mais a fera do que o homem. Só que ele sempre exigiu que eu fechasse a porta do meu lado; e atribuí essa precaução ao hábito inquieto e desconfiado de um homem infeliz que há muito foi ameaçado em sua liberdade e que recentemente gozou da felicidade de recuperar-se pelos cuidados de um amigo. Uma noite, tínhamos apenas um quarto e uma cama para nós dois. O hotel estava lotado. Ele recebeu essa informação com um rosto mais preocupado do que de costume; e quando fomos ao o sótão que nos foi designado, ele dividiu os colchões para fazer duas camas – uma delicadeza que talvez eu tivesse pensado e que não me chocou. Em seguida, ele pulou em sua cama e, jogando-me um feixe de cordas que estava com ele: “– Venha me amarrar os pés e as mãos, disse-me com a expressão de um desespero amargo, ou queime-me o cérebro.”

Estou contando, não narro aqui um episódio de romance fantasioso; não contarei minha resposta e os detalhes de uma conversa dessa natureza: eles serão adivinhados.

“– A infeliz que me disse para comê-la a fim de sustentar minha vida”, ele gritou, jogando-se para trás horrorizado e cobrindo os olhos com as mãos..., “– Não há uma noite em que eu não a desenterre e a devore em meus sonhos ... nenhuma noite em que os acessos do meu execrável sonambulismo não me façam procurar o lugar onde eu a deixei, enquanto o demônio que me atormenta não me entregar o seu cadáver! Julgue agora se você pode dormir perto de mim, perto de um vampiro! ...”

Seria mais cruel ainda para mim do que para o leitor deter sua atenção nesta história. O que posso fazer é jurar pela minha honra que tudo o que nela há de essencial é exatamente a verdade; que não há na história nem mesmo bordado do prosador, que aumenta as dimensões da ideia cobrindo-a de palavras, e que, se nela modifiquei alguma coisa, não é o que contraria uma vã hipótese, abandonada, como ela merece, aos amadores de hipóteses, mas sim o que agravaria a assustadora realidade por detalhes que a caneta não pode escrever.

Cinco anos depois, aproximei-me das fronteiras da região dos morlacos, com um desejo ardente de conhecer este povo tão curioso e tão especial, que o meu destino, sempre oposto, não me permitia ver como gostaria. Nunca havia contado minha história porque a considerava uma anomalia assustadora, e talvez única, na estranha história da inteligência humana. Quando atravessei as fronteiras da Croácia, fiquei surpreso ao saber que essa pretensa anomalia era, em toda a extensão de uma grande província, uma doença endêmica.



Il n'y a guère de hameaux des Morlaques où l'on ne compte plusieurs *vukodlacks*, et il y en a certains où le *vukodlack* se retrouve dans presque toutes les familles, comme le saint ou le crétin des vallées alpines. Ici, la maladie n'est pas compliquée par une infirmité dégradante qui altère le principe même de la raison dans ses facultés les plus vulgaires. Le *vukodlack* éveillé subit toute l'horreur de sa perception; il la redoute et la déteste, comme mon peintre italien; il se débat contre elle avec fureur; il recourt pour s'y sous traire aux remèdes de la médecine, aux prières de la religion, à la section d'un muscle, à l'amputation d'une jambe, au suicide quelquefois; il exige qu'à sa mort ses enfants traversent son cœur d'un pied et le clouent à la planche du cercueil, pour affranchir son cadavre, dans le sommeil de la mort, de l'instinct criminel du sommeil *del'homme vivant*. Le *vukodlack* est d'ailleurs un homme de bien, souvent l'exemple et le conseil de sa tribu, souvent son juge ou son poète. A travers la sombre tristesse que lui impose la perception de souvenir et de pressentiment de sa vie nocturne, vous devinez une âme tendre, hospitalière, généreuse, qui ne demande qu'à aimer. Il faut que le soleil se couche, il faut que la nuit imprime un sceau de plomb sur les paupières du pauvre *vukodlack*, pour qu'il aille gratter de ses ongles la fosse d'un mort, ou inquiéter les veilles de la nourrice qui dort au berceau d'un nouveau-né; car le *vukodlack* est vampire, et les efforts de la science et les cérémonies de l'église ne peuvent rien à son mal. La mort ne l'en guérit point, tant qu'il a conservé dans le cercueil quelque symptôme de la vie; et comme sa conscience, torturée par l'illusion d'un crime involontaire, se repose alors pour la première fois, il n'est pas surprenant qu'on l'ait trouvé souvent frais et riant sous la tombe: l'infortuné n'avoit jamais dormi sans rêver.

Presque toujours cette aberration mentale se borne à l'illusion intuitive du malheureux qui l'éprouve. Elle a pu aussi s'accomplir dans toutes ses circonstances, car il ne falloit pour cela que le concours du cauchemar et du somnambulisme. Là commence le domaine de la philosophie médicale, qui n'a pas remarqué deux faits bien essentiels que je regarde comme certains: – Le premier, c'est que la perception d'un acte extraordinaire, qui n'est pas familier à notre nature, se convertit facilement en rêves; – le second, c'est que la perception d'un rêve souvent répété se convertit facilement en actes, surtout quand elle agit sur un être débile et irritable.

Ainsi, les monomanies que j'ai observées affectent ordinairement les femmes, et les femmes dont elles s'emparent sont, pour la plupart, frappées d'avance d'une extrême débilitation intellectuelle; il ne faudroit pas leur demander en justice comment elles ont vécu, mais comment elles ont dormi, car le secret de leur crime est bien moins le secret de leur vie positive que celui de leur sommeil. C'est que la perception, je le répète, se prolonge surtout dans l'isolement, et que l'hébétation se fait une espèce de solitude où cette perception se développe sans obstacles, et finit toutes les facultés de la pensée. En veut-on une preuve singulière et sans réplique? Nos annales judiciaires n'ont heureusement fourni que deux exemples du crime incompréhensible d'anthropophagie, celui de Ferrage et celui de Léger: ces deux monstres étoient stupides et solitaires.

Quase não há vilarejos na região dos morlacos que não conte com vários *vukodlacks*<sup>6</sup>, e em alguns deles há um *vukodlack* em quase todas as famílias, assim como há o santo ou o cretino dos vales alpinos. Entre os *vukodlacks*, a doença não é complicada por uma enfermidade degradante que altera o próprio princípio da razão em suas faculdades mais comuns. O *vukodlack* desperto sofre todo o horror de sua percepção; ele a teme e detesta-a, como meu pintor italiano; luta contra ela com fúria; recorre, para evita-la, aos remédios da medicina, às orações da religião, ao corte de um músculo, à amputação de uma perna, às vezes ao suicídio; ele exige que no momento de sua morte seus filhos golpeiem seu coração com uma estaca e o preguem na tábua do caixão, a fim de libertar seu cadáver, no sono da morte, do instinto criminoso do sono *del'homme vivant*. O *vukodlack* é, aliás, um homem bom, muitas vezes o exemplo e o conselho de seu grupo, muitas vezes seu juiz ou seu poeta. Por meio da tristeza sombria que lhe impõe a percepção da lembrança e o presságio de sua vida noturna, adivinha-se uma alma terna, hospitaleira, generosa que somente quer amar. É preciso que o sol se ponha, é preciso que a noite imprima um selo de chumbo nas pálpebras do pobre *vukodlack*, para que ele vá arranhar com suas unhas a cova de um morto ou perturbe as noites da ama de leite que dorme ao lado do berço do recém-nascido; pois o *vukodlack* é um vampiro, e os esforços da ciência e os rituais da igreja de nada servem para lhe fazer mal. A morte não o cura, a partir do momento que ele conservou no caixão algum sintoma da vida; e como sua consciência, torturada pela ilusão de um crime involuntário, descansa então pela primeira vez, não é de se surpreender o fato de muitas vezes ele ter sido encontrado fresco e sorridente sob o túmulo: o infeliz nunca havia dormido sem sonhar!

Quase sempre essa aberração mental limita-se à ilusão intuitiva do infeliz que a experimenta. Ela pode também realizar-se em todas as suas circunstâncias, pois o necessário para tanto é somente a participação do pesadelo e do sonambulismo. Começa aí o domínio da filosofia médica, que não percebeu dois fatos essenciais que considero como certos: - O primeiro é que a percepção de um ato extraordinário, que não é familiar à nossa natureza, converte-se facilmente em sonhos; - O segundo é que a percepção de um sonho, frequentemente repetido, converte-se facilmente em atos, principalmente quando ela atua sobre um ser débil e excitável.

Assim, as monomanias que observei afetam comumente as mulheres. Na maioria das vezes, as mulheres que são tomadas por elas, também são atingidas por uma extrema debilidade intelectual; não precisaria perguntar-lhes no tribunal como elas viveram, mas como dormiram, porque o segredo de seu crime está bem menos em sua vida positiva e bem mais em seu sono. É porque a percepção, repito, prolonga-se sobretudo no isolamento, e esse estupor torna-se uma espécie de solidão onde essa percepção se desenvolve sem obstáculos e acaba por absorver todas as faculdades do pensamento. Desse fato querem uma prova singular e irrefutável. Nossos anais judiciais apresentam felizmente apenas dois exemplos do crime incompreensível de antropofagia, o de Ferrage e o de Léger: esses dois monstros eram estúpidos e solitários.

---

6. Em croata, *vukodlack* quer dizer lobisomem . Nodier traduz como « vampiro ».

Les savants qui savent les langues n'ignorent pas que les anciens n'avoient qu'un mot pour désigner le *solitaire* et l'*idiot*.

En supposant établi ce prolongement indéfini des perceptions du sommeil qui fait le monomane, et je n'ai pas ici assez de place pour élaborer cette idée de manière à la porter au dernier degré d'évidence, j'arriverois à une autre théorie qui ne me paroît pas moins démontrée, celle de la propagation de ces perceptions de la vie nocturne entre les auditeurs ou les témoins qui ont quelque disposition à se les rendre propres. Celle-ci expliqueroit l'endémie du vampirisme des Hongrois et des Morlaques, et de quelques autres aberrations de cette nature qui se reproduisent infailliblement partout où elles ont éclaté, mais avec une intensité relative, suivant les conditions infiniment modifiables du temps, du lieu, de l'âge, du sexe et de l'éducation des sujets. Le somnambulisme, la somniloquie, le cauchemar surtout, sont contagieux. Les enfants, les femmes, les malades, rêvent plus volontiers les impressions d'un rêve qui leur a été raconté, que les impressions les plus vives de la vie réelle, parce qu'il y a une sympathie plus énergique entre les sensations de l'homme endormi qu'entre les sensations de l'homme éveillé, et je n'ai pas besoin d'en dire la raison aux physiologistes. Dans notre France, et dans tous les pays où j'ai pénétré par les voyages ou par l'étude, j'ai entendu dire par le peuple que la communication du rêve à *jeûn*, c'est-à-dire tant que la perception du rêve a pu se prolonger dans l'homme éveillé, devenoit funeste à lui ou aux autres. L'idée de l'extensibilité contagieuse de la perception du sommeil n'est donc pas précisément nouvelle, puisqu'elle est vieille comme le monde. C'est une superstition sans doute, et j'en suis persuadé; mais oserois-je vous demander quelle vérité locale n'est pas une superstition, et quelle superstition universelle n'est pas une vérité?

Je n'ai pas la prétention de rien apprendre à personne; mais on m'expliqueroit difficilement, à moi, la propagation d'une monomanie qui n'auroit pas eu le sommeil pour intermédiaire. Tous ceux qui visitoient l'autre de Trophonius en sortoient mélancoliques ou fous, quand ils y avoient dormi.

Je descends de ces hauteurs, où la société royale de médecine ne me pardonneroit pas de m'être élevé, si le bruit de mon existence pouvoit parvenir jusqu'à elle, et je retourne à mes histoires. En voici une que Fortis racontoit dans son *Voyage en Dalmatie*, une dizaine d'années avant ma naissance, et que je retrouvai, quarante ans plus tard, assez différente de la sienne en quelques points de détails, pour que je dusse imaginer qu'elle s'étoit reproduite plus d'une fois. – Les sorcières ou les *ujèstize* du pays, plus raffinées que les *vukodlacks* dans leurs abominables festins, cherchent à se repaître du coeur des jeunes gens qui commencent à aimer, et à le manger rôti sur une braise ardente. Un fiancé de vingt ans qu'elles entouroient de leurs embûches et qui s'étoit souvent réveillé à propos, au moment où elles commençoient à sonder sa poitrine du regard et de la main, s'avisa, pour leur échapper, d'assister son sommeil de la compagnie d'un vieux prêtre, qui n'avoit jamais entendu parler de ces redoutables mystères, et qui ne pensoit pas que Dieu permit de semblables forfaits aux ennemis de l'homme. Celui-ci s'endormit donc paisible, après quelques exorcismes dans la chambre du malade qu'il avoit mission de défendre contre le démon; mais le sommeil étoit à peine descendu sur ses paupières qu'il

Os eruditos que conhecem as línguas não ignoram que os antigos tinham apenas uma palavra para designar o *solitário* e o *idiota*.

Ao supor a instalação desse prolongamento indefinido das percepções do sono efetuado pelo monomaníaco – e aqui não tenho espaço suficiente para elaborar esta ideia de maneira a leva-la ao último grau de evidência – eu chegaria a uma outra teoria que não me parece menos demonstrada, que seria a da propagação dessas percepções da vida noturna entre os auditores ou testemunhas que possuem alguma disposição para torna-las próprias. Essa disposição explicaria a epidemia do vampirismo dos húngaros e dos morlacos e algumas outras aberrações desta natureza que se reproduziram infalivelmente em todos os lugares onde elas eclodiram, mas com uma intensidade relativa, de acordo com as condições infinitamente modificáveis do tempo, lugar, idade, sexo e de educação dos assuntos. O sonambulismo, a sonoquilismo e sobretudo o pesadelo, são contagiosos. As crianças, as mulheres, os doentes sonham mais facilmente as impressões de um sonho que lhes foi contado do que as impressões mais vivas da vida real, pois há uma simpatia mais enérgica entre as sensações do homem que dorme do que entre as sensações do homem acordado, e não tenho necessidade de dizer a razão desse fato aos fisiologistas. Em nossa França, e em todos os países onde penetrei por causa de viagens ou de estudo, ouvi o povo dizer que a comunicação do sonho no estado de jejum – isto é, quando ainda a percepção do sonho consegue prolongar-se no homem acordado – tornava-se fatal para ele mesmo e para os outros. A ideia de prolongamento contagioso da percepção do sono não é então precisamente nova, mas sim, velha como o mundo. Sem dúvida, é uma superstição e estou persuadido disso; mas ousaria perguntar a vocês qual verdade local não é uma superstição e qual superstição universal não é uma verdade?

Não tenho nenhuma pretensão de ensinar as pessoas; mas me explicariam dificilmente a propagação de uma monomania que não teria tido o sono como intermediário. Todos esses que visitavam o antro de Trophônio saíam melancólicos ou loucos, quando lá dormiam.

Desço dessas alturas, onde a sociedade real de medicina não me perdoaria de ter-me elevado – se o ruído de minha existência pudesse chegar até ela – e retorno a minhas histórias. Apresento uma delas que Fortis contava em sua *Viagem na Dalmácia* uma dezena de anos antes de meu nascimento, e que achava, quarenta anos mais tarde, um pouco diferente da sua em alguns detalhes para que eu imaginasse ter ela sido produzida mais de uma vez. As bruxas ou as *ujèstizes* da região, mais refinadas que os *vukodlacks* em suas abomináveis festas, procuram saciar-se do coração dos jovens que começam a amar e a comê-lo assado sobre uma brasa ardente. Um noivo de vinte anos, a quem as bruxas cercariam com suas emboscadas, e que acordava frequentemente no momento em que elas começariam a procurar seu peito com o olhar e com a mão, preveniu-se, para escapar delas, com a companhia, durante seu sono, de um velho padre, que não tinha nunca escutado falar desses temíveis mistérios, e não imaginava que Deus permitisse semelhantes crimes aos inimigos do homem. Este, portanto, dormiu tranquilamente, depois de alguns exorcis-

crut voir les *ujèstizes* planer sur l'oreiller de son ami, s'ébattre et s'accroupir autour de lui avec un rire féroce, fouiller dans son sein déchiré, en arracher leur proie et la dévorer avec avidité, après s'être disputé ses lambeaux sur des réchauds flamboyants. Pour lui, des liens impossibles à rompre le retenoient immobile sur sa couche, et il s'efforçoit en vain de pousser des cris d'horreur qui expiroient sur ses lèvres, pendant que les sorcières continuoient à le fasciner d'un oeil affreux, en essuyant de leurs cheveux blancs leurs bouches toutes sanglantes. Lorsqu'il s'éveilla, il n'aperçut plus que son compagnon, qui descendit du lit en chancelant, essaya quelques pas mal assurés, et vint tomber froid, pâle et mort à ses pieds, parce qu'il n'avoit plus de cœur. Ces deux hommes avoient fait le même rêve, à la suite d'une perception prolongée dans leurs entretiens, et ce qui tuoit l'un, l'autre l'avoit vu. Voilà ce qui en est de notre raison abandonnée aux idées du sommeil.

Il n'y a personne en lisant cela, si on le lit, et après l'avoir vérifié aux pages 64 et 65 du *Voyage de Fortis*, dans l'édition italienne, qui ne se rappelle que la même histoire fait le sujet du premier livre d'Apulée, qui n'étoit probablement connu ni du pauvre Morlaque, ni du vieux prêtre. Ce n'est pas tout: cette histoire d'Apulée, qui ressemble à certaines histoires d'Homère, est rapportée dans Pline comme particulière aux peuples de la Basse-Mysie et aux Esclavons, dont je parle; et Pline s'appuie, à son sujet, du témoignage d'Isigone. Le fameux voyageur Pietro della Valle l'a retrouvée aux frontières orientales de la Perse; elle a fait le tour du globe et des siècles.

L'impression de cette vie de l'homme que le sommeil usurpe sur sa vie positive, comme pour lui révéler une autre existence et d'autres facultés, est donc essentiellement susceptible de se prolonger sur elle-même et de se propager dans les autres; et comme la vie du sommeil est bien plus solennelle c'est celle-là dont l'influence a dû prédominer d'abord sur toutes les organisations d'un certain ordre; c'est celle-là qui a dû enfanter toutes les hautes pensées de la création sociale, et initier les peuples aux seules idées qui les ont rendus imposants devant l'histoire. Sans l'action toute-puissante de cette force imaginative, dont le sommeil est l'unique foyer, l'amour n'est que l'instinct d'une brute, que l'autre, la liberté que la frénésie d'un sauvage. Sans elle, la civilisation des hommes ne peut soutenir de comparaison avec celle qui règle la sage police des castors et la prévoyante industrie des fourmis, parce qu'elle est privée de l'invariable instinct qui en maintient le mécanisme sublime. – Voyez ce que la réforme a fait du christianisme, en se rapprochant du principe positif! – Voyez ce que la philosophie du dix-huitième siècle a fait de la science de Pythagore et de Platon! – Voyez ce que la poétique des pédants a fait de l'art divin d'Orphée, d'Homère et de David! – Voyez ce que l'égoïsme économique et la statistique praticienne des modernes ont fait de la magnifique politique des anciens! Voyez ce qu'ont gagné la morale et l'intelligence de l'espèce à ce monstrueux *perfectionnement* représentatif qui a tarifé la valeur individuelle du citoyen par sous et deniers, et qui feroit rougir de honte et d'indignation la plus vile des peuplades barbares! Je ne voulois faire aucune application de ces idées à la politique; mais je ne peux me soustraire tout à fait aux inductions qui en sortent malgré moi.

mos no quarto do enfermo a quem tinha a missão de defender contra o demônio; porém o sono mal havia descido sobre suas pálpebras quando ele pensou ter visto as *ujèstizes* pairando sobre o travesseiro do doente, brincando e agachando-se ao redor dele com uma risada feroz, remexendo em seu seio dilacerado, arrancando seus corações, devorando-os avidamente, depois de ter lutado por seus pedaços sobre braseiros. Para ele, laços impossíveis de romper o mantinham imóvel em seu leito, e esforçou-se em vão para soltar gritos de horror que desapareciam em seus lábios, enquanto as bruxas continuavam a fasciná-lo com olhos terríveis, enxugando suas bocas sangrentas com seus cabelos brancos. Quando acordou, não viu mais ninguém exceto seu companheiro, que se levantou com dificuldade da cama, tentou alguns passos vacilantes e caiu frio, pálido e morto a seus pés, porque ele não tinha mais coração.

Não há ninguém lendo isso, se o leem, e que após ter verificado nas páginas 64 e 65 de *Viagem*, de Fortis, na edição italiana, que não se lembre que a mesma história é o assunto do primeiro livro de Apuleio, que provavelmente não era conhecido do pobre morlaco, nem do velho padre. Isso não é tudo: essa história de Apuleio, que se assemelha a certas histórias de Homero, é relatada em Plínio como peculiar aos povos da Baixa Mísia e aos eslavos, dos quais falo; e Plínio apoia-se, em seu assunto, no testemunho de Isígono. O famoso viajante Pietro della Valle encontrou-a nas fronteiras orientais da Pérsia; ela fez o giro do globo e dos séculos.

A impressão dessa vida do homem, que o sono usurpa da vida positiva – como para revelar-lhe uma outra existência e outras faculdades – é essencialmente susceptível de se prolongar em si mesma e até mesmo de propagar-se nas outras; e como a vida do sono é bem mais grandiosa que a vida positiva, é nesta última que a influência teve de predominar primeiramente sobre todas as organizações de uma certa ordem; é nela que deve ter criado todos os elevados pensamentos da criação social, e ter iniciado os povos às únicas ideias que lhes tornaram imponentes diante da história. Sem a ação onipotente dessa força imaginativa, cujo sono é único centro, o amor é apenas o instinto de um bruto, a liberdade apenas a fúria de um selvagem. Sem a força imaginativa, a civilização dos homens não pode se comparar àquela que regula a sábia disciplina dos castores e a previdente organização das formigas, porque ela é privada do invariável instinto que mantém o mecanismo sublime. – Vejam o que fez a Reforma com o Cristianismo, ao aproximá-lo do princípio positivo! – Vejam o que fez a filosofia do século XVIII com a ciência de Pitágoras e de Platão! – Vejam o que fez a poética dos pedantes com a arte divina de Orfeu, de Homero e de Davi! – Vejam o que o egoísmo econômico e a estatística prática dos modernos fizeram com a magnífica política dos Antigos! – Vejam o que ganharam a moral e a inteligência da espécie com esse monstruoso *aperfeiçoamento* representativo, que estabeleceu o valor individual do cidadão em centavos e dinheiro, que faria corar de vergonha e indignação a mais vil horda bárbara! Não gostaria de aplicar essas ideias à política, mas não posso me eximir completamente das induções que surgem contra minha vontade.

Comme il y a deux puissances dans l'homme, si l'on peut s'exprimer ainsi, deux âmes qui régissent, comme l'homme, les peuples dont il est l'expression unitaire, et cela suivant l'état d'accroissement ou de décadence des facultés qui caractérisent l'individu ou l'espèce, il y a aussi deux sociétés, dont l'une appartient au principe imaginaire, et l'autre au principe matériel de la vie humaine. – La lutte de ces forces, presque égales à l'origine, mais qui se débordent tour à tour, est le secret éternel de toutes les révolutions, sous quelque aspect qu'elles se présentent.

L'alternative fréquente et convulsive de ces deux états est inévitable dans la vie des vieux peuples, et il faut la subir dans tous les sens quand le temps en est venu.

Les paysans de nos villages qui lisoient, il y a cent ans, la légende et les contes des fées, et qui y croyaient, lisent maintenant les gazettes et les proclamations, et ils y croient.

Ils étoient insensés, ils sont devenus sots: voilà le progrès.

Quel est le meilleur de ces deux états? Le décidera qui pourra.

Si j'osois en dire mon avis, comme l'homme ne peut échapper par une tangente inconnue à l'obligation d'accepter et de remplir les conditions de sa double nature, ils sont tous les deux impossibles dans une application exclusive.

Le meilleur, c'est celui qui tiendrait de l'un et de l'autre, ainsi que l'homme, et tel à peu près que le christianisme nous l'avoit donné. Quand la possibilité d'une pareille combinaison n'existera plus, tout sera dit.

Dans un pays où le principe imaginaire de viendrait absolu, il n'y aurait point de civilisation positive, et la civilisation ne peut se passer de son élément positif.

Dans un pays où le principe positif entre prend de s'asseoir exclusivement au-dessus de toutes les opinions, et même au-dessus de toutes les erreurs – s'il est une opinion au monde qui ne soit pas une erreur –, s'il n'y a plus qu'un parti à prendre, c'est de se dépouiller du nom d'homme, et de gagner les forêts avec un éclat de rire universel; car une semblable société ne mérite pas un autre adieu.



Há dois poderes no homem ou duas almas – se podemos assim nos expressar – que governam, como o homem, os povos dos quais ele é a expressão unitária; em concordância com o estado de expansão ou declínio das faculdades que caracterizam o indivíduo ou a espécie, há também duas sociedades, uma das quais pertence ao princípio imaginativo e a outra ao princípio material da vida humana. A luta destas forças, praticamente iguais na origem, mas que se expandem aos poucos, é o eterno segredo de todas as revoluções, sob qualquer aspecto em que se apresentem.

A alternativa frequente e convulsiva desses dois estados é inevitável na vida dos povos antigos e ela deve ser suportada de todas as maneiras quando chegar o seu tempo.

Os camponeses de nossos vilarejos que, há cem anos, liam lendas e contos de fadas e acreditavam neles, agora leem os jornais e anúncios e acreditam neles.

Eram insensatos, tornaram-se tolos: eis aí progresso.

Qual desses dois estados é melhor? Quem puder, decidirá.

Ousaria dizer deles a minha opinião. Como o homem não pode escapar, por uma tangente desconhecida, da obrigação de aceitar e de cumprir as condições de sua dupla natureza, minha opinião é a de que ambos estados são impossíveis em uma aplicação exclusiva.

O melhor deles é o que mantiver um pouco de um e de outro, pois eles são próprios da natureza do homem e próximo daquela que o cristianismo lhe deu. Quando a possibilidade de tal combinação não existir mais, tudo estará dito.

Em um país onde o princípio imaginativo se torna absoluto, não há civilização positiva, e a civilização não pode prescindir de seu elemento positivo.

Em um país onde o princípio positivo começa a assentar-se exclusivamente acima de todas as opiniões, e mesmo acima de todos os erros – se existe uma opinião no mundo que não seja um erro – não há mais nada senão uma resolução a tomar, que é a de despojar-se do nome de homem e de dirigir-se às florestas com um estrondoso riso universal, pois tal sociedade não merece um outro adeus.

## Bibliografia

NODIER, Charles. *Oeuvres de Charles Nodier*. Roman, contes et nouvelles. Rêveries. Paris: Libraire d'Eugène Renduel, 1832. Disponível em: <https://books.google.vu/books?id=3AY6AAAACAAJ&printsec=frontcover#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 10 set. 2022.